



Ministério da Saúde
Fundação Oswaldo Cruz
Escola Nacional de Saúde Pública Sergio Arouca
Departamento Direitos Humanos, Saúde e Diversidade Cultural



Curso de Especialização em Direitos Humanos e Saúde (2022)
Módulo: Construção do SUS – a expressão de um desejo
Professores: Luiz Carlos Fadel de Vasconcellos e Rosangela Gaze
Especializanda: Tayara Felipe Pinheiro Sassaro

Por um caminho congruente aos princípios de liberdade e autonomia

O objeto de estudo que pretendo desenvolver no Trabalho de Conclusão de Curso, do Curso de Especialização de Direitos Humanos e Saúde da Escola Nacional de Saúde Pública/Fiocruz, é sobre a política de drogas no campo da saúde mental, o projeto neoliberal e a discussão acerca dos dos direitos humanos na agenda contemporânea. Assim sendo, acredito que o texto intitulado “*ENTÃO? QUAL O CAMINHO?*” (Marcos Besserman Vianna, 22/06/2022), na coluna de opinião dos *Multiplicadores de VISAT*, faz um diálogo com essa temática.

O autor inicia o texto narrando sobre liberdade e mudança de paradigmas, citando Boaventura de Sousa Santos ao considerar a necessidade de um “rearranjo entre os processos políticos e processos civilizatórios”. Esse ponto inicial faz ponte com o debate ao qual me debruçarei pois, fundamentalmente, implica justamente na necessidade de criar novos olhares sociais para a saúde mental. Nesse sentido, os processos políticos e civilizatórios são coesos com a pauta antimanicomial e antiproibicionista, na finalidade de garantir os direitos humanos e legitimar a produção de subjetividade e possibilidades de vida para o indivíduo que possui transtorno e/ou sofrimento mental.

Outro ponto interessante que Marcos Besserman narra é sobre as “prisões invisíveis” as quais não são questionadas pela sociedade e, em seguida, sobre o “exercício da liberdade”. Esse trecho faz refletir sobre a relação causal da população vulnerável acometida de transtorno e/ou sofrimento mental e a questão de acesso à saúde, como a necessidade de uma alternativa imediata como o acesso primário destas pessoas em instituições filantrópicas, conforme aponta, historicamente, as lacunas que foram colocadas pelo Estado e o atual, e grave, cenário de sucateamento da Rede de Atenção Psicossocial (RAPS), integrante do Sistema Único de Saúde.

Podemos identificar uma crítica ao contexto político, após dois anos da ocorrência da pandemia de COVID-19, atrelando a estigmatização da pessoa portadora de transtorno mental associada à necropolítica diante da gestão do Estado, quando destaca no trecho: *“Neste mundo sem escrúpulos, matar uma pessoa faz de você um assassino, matar duas ou três pode ser um transtorno mental, mas quando você mata muitas delas, quase 700 mil, você se torna um mito.”*

No decorrer do texto, o autor despreza a perspectiva egocêntrica na sociedade, trazendo como exemplo o sistema burguês e exaltando o olhar coletivo, humano e empático. Por fim, diante do cenário instável do próprio tecido social e das questões que o cercam social e politicamente, o autor afirma sobre a necessidade de surgirem “novas apostas e estratégias” e busca de “abordagens inovadoras na direção de um mundo que não seja perfeito, mas melhor”, o que faz alusão à construção de novos olhares sociais para a “loucura”, ampliando a importância das abordagens humanizadas e comunitárias em saúde mental.

Em virtude disso, o final do texto se posiciona sobre a necessidade de estarmos enquanto sociedade dispostos a lutar contra o sistema capitalista que amplia as desigualdades e “reverbera o ódio”, bem como o colonialismo e patriarcado. Desse modo, traz a ponte sobre questões que cercam, estruturalmente, o debate sobre os direitos humanos e o campo da saúde. Ainda, destaca a necessidade de atenção, mobilização e conscientização política ao comentar do “ambiente mais hospitaleiro para golpes”, explicitando o perigo da apatia política, na medida que prevalece enquanto “estilo dominante”.

Finalizando o texto, destaca o poder de resistência nesses tempos sombrios e amargos no cenário político contemporâneo, fortalecendo a luta pela liberdade, democracia, em tom esperançoso com uma “narrativa ostensiva” em prol dos direitos humanos conquistados. Quanto ao título do texto, acredito que o caminho deve ser sempre congruente com os princípios de liberdade e autonomia pois, ainda que com os avanços no campo de políticas de saúde mental com o tratamento humanizado dos indivíduos que fazem uso prejudicial de álcool e outras drogas, há a disputa de espaços com respostas conservadoras que não legitimam o cuidado digno em saúde, configurando indivíduos como “descartáveis” aos olhos do capital, desse modo sendo funcional ao próprio desenvolvimento do sistema capitalista, privando-os de “ser” e explorar suas possibilidades de viver em sociedade.

“Então? Qual o Caminho?” - Leia o texto completo [aqui...](#)